

Autores: Matheus Sampaio Serrano¹; Gabriela Cavalcante Melo¹; Guilherme Cavalcante Freitas¹; Vinicius Cobel Assis¹; Mariana Vieira Neves¹; Erich Roberto Santos¹; Ricardo José Cavalcanti¹; João Victor Ipiranga¹; Matheus Batista Araujo¹; Tiago de Andrade Monteiro¹

Instituições: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE¹

Introdução e Objetivo

O câncer de bexiga posiciona-se como a décima neoplasia mais comum no mundo. No contexto brasileiro, a obtenção de informações precisas acerca das tendências do carcinoma urotelial é desafiada pela escassez de dados confiáveis. Consequentemente, caracterizar epidemiologicamente esse tipo de câncer na população brasileira torna-se uma tarefa complexa.

Os fatores de risco podem ser categorizados em três grupos distintos: anormalidades genéticas e moleculares, exposições químicas ou ambientais (exposições ocupacionais, radiação pélvica), e irritação crônica (tabagismo, uso de ciclofosfamidas).

Dado o contexto das características sociais e demográficas, bem como o impacto do tratamento do câncer de bexiga no Sistema Único de Saúde, é essencial que médicos tenham conhecimento da epidemiologia dessa doença na população brasileira. O presente estudo tem como objetivo conhecer aspectos epidemiológicos, como a incidência e medidas de morbimortalidade do câncer de bexiga na população brasileira entre os anos de 2015 e 2021.

Método

Trata-se de um estudo ecológico retrospectivo e exploratório com dados de incidência, morbidade, mortalidade e letalidade por local de residência em decorrência do câncer de bexiga. Todos os dados foram retirados da plataforma DATASUS. Quanto ao período e o local do estudo, foram analisados os anos entre 2015 e 2021 das 5 grandes regiões brasileiras e da população brasileira como um todo. Foi considerado o diagnóstico C67 (neoplasia maligna de bexiga) da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, décima versão (CID-10). Os dados foram obtidos pelo TabNet e foram organizados e analisados na plataforma Microsoft Excel.

Figuras

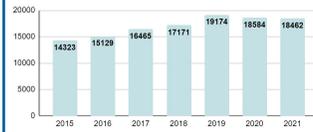


Figura 1 - Número de interações por neoplasia maligna de bexiga no Brasil entre os anos 2015 e 2021 (Fonte: DATASUS).

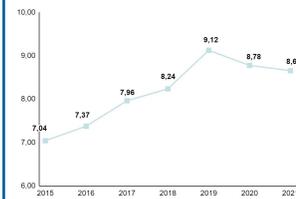


Figura 2 - Taxa de incidência por 100.000 habitantes de neoplasia maligna de bexiga entre 2015 e 2021 (Fonte: DATASUS).



Figura 3 - Taxa de incidência por 100.000 habitantes de neoplasia maligna de bexiga entre 2015 e 2021, de acordo com regiões (Fonte: DATASUS).



Figura 4 - Taxa de incidência por 100.000 habitantes de neoplasia maligna de bexiga entre 2015 e 2021, de acordo com o sexo (Fonte: DATASUS).

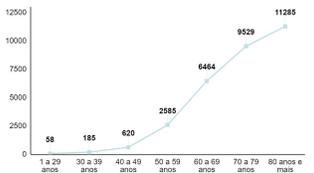


Figura 5 - Número de óbitos por neoplasia maligna de bexiga no território brasileiro, entre os anos 2015 e 2021, de acordo com idade (Fonte: DATASUS).



Figura 6 - Taxa de mortalidade da neoplasia maligna de bexiga por 100.000 habitantes, entre 2015 e 2021, de acordo com a região (Fonte: DATASUS).

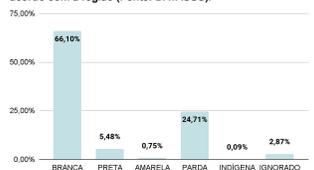


Figura 7 - Proporção de mortes por neoplasia maligna de bexiga, entre 2015 e 2021, de acordo com a raça (Fonte: DATASUS).



Figura 8 - Taxa de letalidade da neoplasia maligna de bexiga, entre 2015 e 2021, de acordo com a região (Fonte: DATASUS).

Resultados

O território brasileiro perfaz uma área de aproximadamente 8.510.000 km² e é dividido em 5 grandes regiões. Nesse tocante, em 2015, possuía uma população residente de 203.475.683 habitantes e, em 2021, de 213.317.639 habitantes, segundo números do DATASUS. Durante os anos de 2015 a 2021, período do presente estudo, ocorreram um total de 120.326 interações devido a neoplasia maligna de bexiga (C67) no território brasileiro, e que se apresentou de forma crescente até o ano de 2019 e levemente decrescente deste ano até 2021, como se pode observar nos dados brutos de interações (Figura 1) e nas taxas de incidência ao longo dos anos (Figura 2). Ainda sobre as taxas de incidência, foi observado uma disparidade entre as regiões brasileiras, com a Região Sul possuindo as maiores taxas e a Região Norte, as menores (Figura 3). Além disso, com relação ao sexo, verifica-se também uma diferença significativa entre os sexos, com predomínio de maiores taxas de incidência no sexo masculino (Figura 4).

No que tange aos óbitos, observa-se um número crescente de acordo com a idade, com crescimento mais acentuado acima dos 50 anos (Figura 5). Ademais, foi calculada uma taxa de mortalidade da neoplasia maligna de bexiga de 14,74 óbitos por 100.000 habitantes ao longo do período de estudo, com a maior taxa sendo da Região Sul e a menor da Região Norte (Figura 6). Nesse contexto, foi encontrada uma importante disparidade de acordo com a raça do paciente, com 66,1% ocorrendo em pacientes de raça branca (Figura 7). Além disso, de acordo com o sexo, foram registrados 20.980 óbitos do sexo masculino, o que perfaz 68,27% do total de mortes pela neoplasia no período.

Por fim, a neoplasia maligna de bexiga teve uma taxa de letalidade de 25,54% durante o período. Nesse contexto, analisando as regiões do território brasileiro, a região norte possui uma maior taxa de letalidade, com 45,03% (Figura 8). Os óbitos por esse tipo de câncer corresponderam a apenas 1,95% de todos os óbitos por neoplasias em geral.

Conclusão

No Brasil, a incidência de câncer de bexiga parece estar em conformidade com a literatura atual em relação a gênero e etnia. Apesar de apresentar uma incidência relativamente baixa, o câncer de bexiga ainda representa uma carga socioeconômica significativa no país devido à recorrência de episódios que podem requerer múltiplas interações e tratamento cirúrgico. Em relação às macrorregiões, é possível observar um possível descompasso entre as taxas de incidência e óbitos em relação ao câncer de bexiga e seus possíveis índices de desenvolvimento. Nota-se uma maior predisposição ao câncer de bexiga na região sul do país. Esse padrão pode ser atribuído tanto à dificuldade de coleta de dados na região norte quanto aos altos índices de poluição e tabagismo nas regiões sul e sudeste.

Esses fatores podem contribuir para o aumento da incidência de câncer de bexiga nesses locais. Considerando o impacto desse câncer no sistema público de saúde brasileiro, esses dados reforçam a importância de mais estudos e políticas voltados para os fatores de risco e o tratamento do câncer de bexiga.

Referências

INCA, I. (ED.). Estimativa | 2020 | Incidência de Câncer no Brasil. Ministério da Saúde, Rio de Janeiro, RJ, Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), 2019. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/estimativa-2020-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf>>